

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

Título

A Venezuela no século XXI: práticas imperialistas, democracia e neoliberalismo em perspectiva

Resenha

SALGADO, Tiago Santos. **Democracy delivers**: a intervenção dos EUA na Venezuela chavista. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

Autor

Bruno César Cursini

Ano de publicação

2021

Referência

CURSINI, Bruno César. A Venezuela no século XXI: práticas imperialistas, democracia e neoliberalismo em perspectiva. **Transições**, Ribeirão Preto, v.2, n. 1, 2021.

Recebimento: 12/06/2021

Aprovação: 02/07/2021

A VENEZUELA NO SÉCULO XXI: PRÁTICAS IMPERIALISTAS, DEMOCRACIA E NEOLIBERALISMO EM PERSPECTIVA

VENEZUELA IN THE 21ST CENTURY: IMPERIAL PRACTICES, DEMOCRACY AND NEOLIBERALISM IN PERSPECTIVE

Resenha do livro: SALGADO, Tiago Santos. **Democracy delivers**: a intervenção dos EUA na Venezuela chavista. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

Bruno Cesar Cursini*

Ao elaborar sua narrativa da visita de Fidel Castro ao Chile de Allende, transcorrida em novembro de 1971, Alberto Aggio (2015, p. 128) apressa-se em advertir o leitor que “não corresponde a uma análise correta atribuir à visita em si a ruptura do equilíbrio que anteriormente havia caracterizado a vida institucional chilena”. A este comentário, entretanto, segue-se grande quantidade de “poréns” levantados pelo autor que colocam em dúvida sua mesma afirmação. As coisas terem se desdobrado como se desdobraram – Golpe militar, com um presidente acossado e induzido ao suicídio - sem a visita de Castro é, para Aggio (2015), uma mera possibilidade, já que “é inegável que a visita produziu um efeito nesse sentido ou acentuou essa tendência de confrontação e de questionamento da solidez do sistema político chileno”. No cerne de sua argumentação, Aggio (2015) tenta, ao manusear discursos e entrevistas de Castro, de fato convencer seu leitor de que o mandatário Cubano procurou levar instabilidade a um país governado por um grande entusiasta da via democrática ao socialismo; via

* Doutorando em História pela USP, com pesquisa financiada pelo CNPq. Mestre em História pela UFU e graduação pela UNESP. Contato: bcursini@usp.br

que não teria se efetivado em decorrência das cisões e conflitos na própria esquerda chilena. O extremismo de direita, que se preparava para assumir o comando do Chile pelos 17 anos subsequentes, surge em *Um lugar no mundo* como uma força tímida e desarticulada, que Castro anabolizou com suas exortações à radicalização.

Roger Chartier (1990) é da opinião de que “as representações do social [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”, um lembrete conveniente de que o conhecimento nunca é neutro. No afã de produzir uma historiografia que atribua à América Latina suas responsabilidades como ator histórico, o trabalho de Aggio resvala na naturalização das práticas imperialistas: a interferência norte-americana é parcamente mencionada como um dos fatores que catalisou a queda de Allende. Talvez o objetivo de seus textos seja mesmo fazer com que se esqueça que uma tal ingerência existiu. A culpa foi do Fidel.

Servimo-nos deste exemplo como ponto de partida para refletir sobre um trabalho diferente, não apenas por ter como objeto outra nação latino-americana, em outro período - a Venezuela de Chavez – mas também por privilegiar outra orientação analítica. *Democracy Delivers*, de Tiago Salgado, é um livro que não se constrange em servir-se de fontes não oficiais – os vazamentos de Julian Assange no caso Wikileaks - para documentar a clara interferência estadunidense no sentido de minar o fôlego e estabilidade da revolução bolivariana em curso, ao mesmo tempo em que municionava a oposição.

O livro demonstra que reconhecer o impacto das ações norte-americanas a fim de preservar e fazer perseverar seus interesses na América Latina não é sinônimo de negligenciar as particularidades históricas da Venezuela, sua autonomia e o peso de suas interações com outros países. Na verdade, o que o trabalho de Salgado demonstra é que grande parte da responsabilidade pelas crises venezuelanas – tanto as que Chávez conseguiu superar quanto as que hoje sobram para Nicolás Maduro – deve ser atribuído às elites financeiras daquele país, que buscam sempre se

beneficiar de um capitalismo dependente e periférico, ao invés de superá-lo em nome do desenvolvimento e da geração de riqueza. Para tanto, porém, foi essencial que tais elites mantivessem uma estreita parceria com forças políticas e econômicas norte-americanas. Os vazamentos da correspondência diplomática e de relatórios especiais elencados por Salgado deixam evidente que a já bastante conhecida e documentada estratégia dos EU de apoiar e sustentar regimes autoritários em países como o Chile e o Brasil se transfigurou, mas continuou a existir, e de forma bastante intensa. Esta transfiguração pode mesmo ser relativizada, já que não houve qualquer pudor no apoio ao golpe de Pedro Carmona em 2002.

Salgado mostra como a formação do capitalismo Venezuelano está profundamente enraizada nos recursos naturais, sobretudo no petróleo. Na segunda metade do século XX, a Venezuela transforma-se numa ilha de estabilidade democrática em um continente assolado por ditaduras. O motivo, de acordo com Salgado, foi que o *Pacto de Puntofijo* assegurou a manutenção de uma democracia representativa nos moldes sancionados pelos EU. Tal regime era simpático aos interesses norte-americanos, favorecendo-os. Não havia, portanto, necessidade de ruptura da ordem democrática para assegurar, no contexto da guerra fria, o alinhamento da Venezuela ao bloco capitalista.

A ascensão de Chavez em 1998, com a posterior instituição das Leis Habilitantes, marca uma reviravolta após a qual as ingerências norte-americanas na Pátria de Bolívar passam a ser incisivas e frequentes. A documentação levantada em *Democracy Delivers* atesta isso. As interpretações do autor a respeito de tal documentação, entretanto, merecem alguns apontamentos nossos.

Duas expressões que surgem frequentemente no livro de Salgado são “democracia” e “direitos humanos”. Nicolas Guilhot (2005) diz que estes outrora instrumentos de crítica e confronto do poder se transformaram, hoje, na linguagem principal do poder, sendo exportados como commodities. Alerta, entretanto, que encarar sua defesa como meros disfarces para a

dominação é problemático, já que tende-se a esquecer que tais valores estão imbuídos de conteúdo - um conteúdo que pode ser alterado para se tornar conveniente a determinados interesses. Salgado atenta para isto, observando que a democracia que os EUA procuram exportar tem uma conotação bastante específica; separando a esfera econômica da política, garantindo igualdade jurídica sem preocupar com a de renda. Isto vai de encontro à descrição que Guilhot elabora a respeito da transformação do cenário intelectual no final da Guerra Fria, no qual a democracia passa a ser cada vez mais percebida como um jogo de elites, e não como projeto de transformação social. Mas alguns pontos da análise de Salgado merecem aprofundamento. A respeito de um de seus documentos vazados, ele diz que seu teor

Complementa os benefícios da democracia, apontando que esses [países democráticos] não se envolvem em guerras e criam oportunidades para o livre mercado e para a ação da iniciativa privada. Assim, com assertiva de que a democracia liberal era o sistema político ideal para evitar ataques terroristas, guerras e atingir o desenvolvimento econômico (SALGADO, 2021, p. 145-146).

De acordo com Guilhot, o discurso da democracia e dos direitos humanos emerge, nos anos 1980, como substituto e crítico da Teoria da Modernização. Esta última foi criada para se opor aos regimes socialistas, preconizando um progresso institucional e moral inevitável a todos os países que adotassem práticas modernas. Acabou, porém, rejeitada por neoconservadores e por progressistas: os primeiros a viam como um ramo da teoria marxista - já que a modernização das forças produtivas pode ser encarada como etapa fundamental do processo revolucionário -, e os segundos como a causa de experimentos autoritários - haja visto o que ocorreu em diversos países da América Latina e da África, em que a "modernização" foi eficiente para mantê-los afastados da influência do bloco soviético, mas também em engendrar neles ditaduras e guerras civis.

Para Guilhot, esta inflexão intelectual também estaria ligada, nas análises e interpretações mais recentes, a uma crescente valorização dos atores políticos em detrimento das estruturas; ou seja, a uma oposição ao estruturalismo.

Outro ponto que merece destaque é que a visão de Salgado do neoliberalismo como instrumento de dominação norte americano pode ser ampliada. Ele evoca Dardot e Laval (2016) para, acertadamente, apontar que o neoliberalismo é, além de um sistema econômico, uma razão de mundo; entretanto não se atenta para todas as implicações disto. Michel Foucault “afirma, com efeito, que o conceito central da abordagem neoliberal não é o de liberdade, mas o de pluralidade. Embora naturalmente o valor de liberdade desempenhe um papel importante, trata-se de um papel subordinado, secundário, comparado à noção de pluralidade” (LAGASNERIE, 2013). Por conseguinte, nos diz ainda Lagasnerie (2013), os neoliberais veem como perigosas quaisquer teorias totalizantes ou unificadoras, incluindo nisto a própria noção de sociedade (mas não a existência do social). Sob tal prisma, no mundo contemporâneo, incrivelmente diversificado, a utopia da pluralidade levada às últimas consequências – e não mônadas como “o Estado”, “a Sociedade” - seria a sistemática mais adequada para lidar com a crescente diversidade de reivindicações e interesses. O neoliberalismo não é como é - difundido, hegemônico e extremamente resiliente - apenas por imposição de uma cartilha imperialista. Trata-se de uma razão de mundo de fato, que acomoda sem dificuldade uma enorme variedade de pautas e de modos de viver. Através da retórica da conciliação e da aceitação da diversidade, o neoliberalismo absorve até mesmo as lutas de esquerda, tendo sido ao próprio Chávez impossível livrar-se dele, como admite Salgado. Se Chávez e seu sucessor, Nicolás Maduro, lideram de fato uma ruptura com as práticas neoliberais, é uma questão que gostaríamos de ver melhor contemplada em *Democracy Delivers*.

Como *Democracy Delivers* delimita claramente a era de Hugo Chávez como seu objeto, é compreensível que os comentários a respeito de seu legado, Nicolás Maduro e as crises da Venezuela nos dias atuais estejam circunscritos às considerações finais. Ali é dito que

A crise atual enfrentada pela Venezuela deve ser entendida através não apenas da ação dos EUA no país, mas também levando em consideração aspectos estruturais que compõe o capitalismo venezuelano, assim como o próprio padrão das lutas de classe no país (SALGADO, 2021, p. 239).

Assim, a escassez de produtos não perecíveis de necessidade básica - creme dental, papel higiênico, leite em pó, etc. - apresenta-se como uma estratégia planejada pela própria burguesia venezuelana para, com o apoio do governo dos EUA, inviabilizar o socialismo democrático do século XXI. Deve-se admitir que, de fato, Maduro e o chavismo têm uma base de sustentação mais sólida e coesa do que qualquer um poderia afirmar fiando-se nas informações que recebemos através dos grandes conglomerados de imprensa no Brasil.¹ A julgar pelo entusiasmo de nossos principais meios de comunicação, Juan Guaidó deveria ser há muito presidente da nação que concentra as maiores reservas de petróleo do mundo em seu território. Entretanto, sua aventura fracassou a despeito do apoio massivo que recebeu, não apenas do EUA, mas também da União Europeia. Seguindo os passos de seu antecessor, Maduro mantém pactos bilaterais com Rússia e China, talvez tendo em seu horizonte a "ordem multipolar", mencionada mais uma vez em *Democracy Delivers* como um dos objetivos de longo prazo de Chávez.

Como demonstramos, a pesquisa de Salgado abre muitas vias e, embora ilumine diversos pontos, lança outros na obscuridade. Ainda assim, não se percebe no texto a intenção de entregar ao leitor uma versão

¹ Para uma análise mais detalhada sobre a cobertura da imprensa brasileira ao governo de Hugo Chávez, recomendamos a leitura do trabalho do mesmo autor que resenhamos aqui (SALGADO, 2015).

deliberadamente incompleta ou desvirtuada do passado, com o objetivo de reescrevê-lo. Acreditamos que os países da América Latina não devem se furtar às suas responsabilidades quando olham para trás, mas persistir em ignorar o jugo sob o qual se desenvolveram e sob o qual ainda lutam suas instituições é mutilar a história.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Alberto. **Um lugar no mundo**: estudos de história política latino-americana. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GUILHOT, Nicolas. **The democracy makers**: human rights and the politics of global order. New York: Columbia University Press, 2005.

LAGASNERIE, Geffroy de. **A última lição de Michel Foucault**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

SALGADO, Tiago Santos. **A Folha de São Paulo e o governo Hugo Chávez (2002-5)**. Jundiaí: Paco, 2015.

SALGADO, Tiago Santos. **Democracy delivers**: a intervenção dos EUA na Venezuela chavista. Rio de Janeiro: Telha, 2021.